

Exploração no BB: qual é o limite?

Para competir com a lucratividade dos bancos privados, o BB passou a agir como eles: prima pela pressão e pelo desrespeito, nega a ampliação de direitos e descarta os trabalhadores

O Banco do Brasil “passou a rasteira” em quatro trabalhadores no mês de fevereiro. A movimentação em quatro agências da capital – Universidade, Carlos Gomes, Hugo Lange e Visconde – resultou em dois rebaixamentos e dois pedidos de aposentadoria. Os casos, denunciados ao Sindicato, demonstram a crueldade do BB através da Superintendência do Paraná e a inoperância da Gerência Regional de Pessoas (Gepes). Ficou evidente que a Super preparou uma armadilha para se livrar de dois gerentes de agência que não reproduziam o discurso do “chicote”. Tudo diante dos olhos do diretor Danilo Angst, que, na ocasião, estava em Curitiba e acompanhou os acontecimentos.

Cobranças desmedidas – No caso das aposentadorias “forçadas”, as cobranças desmedidas somadas à falta de respeito com profissionais com mais de 30 anos de casa demonstram que a orientação é pelo demérito daqueles que ao longo do tempo contribuíram com o banco. “É importante lembrar que existem leis que amparam a dignidade das pessoas. O impulso insano de gestores para gerar resultados e conseguir futuras promoções não esbarra apenas na ética, mas também na legislação em vigor. A Lei está acima de qualquer normativo interno”, salienta Pablo Diaz, dirigente sindical e trabalhador no BB. “Faltam funcionários e sobram cobranças. A pressão diária que os trabalhadores enfrentam para o cumprimento de metas beira a psicopatia”, lamenta. Pablo Diaz denuncia ainda que o banco está fazendo uma gestão pelo estresse, levando à estafa, ao adoecimento e à dependência química em remédios.

PCCS é solução – André Machado, dirigente sindical e também trabalhador no BB, lembra que a aprovação de um verdadeiro Plano de Cargos, Comissões e Salários (PCCS) no banco seria um importante avanço, que contribuiria para pôr um fim neste tipo de pressão, consolidando uma progressão funcional mais justa, com estabilidade nas funções adquiridas e valorização do tempo de serviço. “Isto livraria os funcionários do BB desta pressão de ver sua carreira atrelada a metas absurdas de vendas”, conclui.

O que fazer – O Sindicato dos Bancários de Curitiba e região orienta que os trabalhadores guardem todo o tipo de documento que possa ser utilizado como prova contra os gestores que ameaçam mesmo que de forma velada e dissimulada. Também não é aconselhável fazer reclamações diretamente na Gepes, pois há casos em que o trabalhador se dirige ao departamento, buscando ajuda em relação aos gestores, e se vê colocado frente a frente com o “carrasco”, o que obviamente nada soluciona. “A Gepes só ‘junta as cinzas’ para jogar fora, não resolvendo nada”, alerta Ana Smolka, dirigente sindical e trabalhadora no BB. “Lembramos que o representante legítimo dos trabalhadores é o Sindicato”, acrescenta Pablo Diaz.

A entidade também reafirma o compromisso com os bancários de que continuará combatendo todo tipo de assédio moral e organizacional dentro do BB, seja regionalmente, com ações políticas e paralisações em frente às unidades, seja no âmbito nacional, denunciando a direção do banco, verdadeira responsável por esta situação.



Dipes piora regras para trabalhadores noturnos

Como se não bastasse obrigar os bancários a mudanças constantes na rotina, o banco também quer impedir ausências que são garantidas pelo acordo coletivo

No final de 2009, o Banco do Brasil alterou as regras para os bancários que trabalham durante a noite, estabelecendo que a cada 6 meses de trabalho noturno seja feito rodízio de 1 mês no período diurno. Para aqueles que trabalharem mais de 6 meses a noite, tornou-se necessário ficar 6 meses de dia. “Essas mudanças impuseram uma dinâmica perturbadora, muito danosa à saúde dos bancários, que passaram a trocar de turno incessantemente, não conseguindo organizar sua rotina durante o ano”, afirma André Machado, dirigente sindical e bancário no BB.

No entanto, o que já estava ruim piorou com a decisão da Diretoria de Gestão de Pessoas (Dipes), que determina que o funcionário não pode interromper o período do rodízio diurno com qualquer tipo de afastamento ou licença, sob pena de ter que recomeçar a contagem dos dias. “Ou seja, o bancário não pode ficar doente, ter filho, tirar um abono, casar ou ficar de luto pela morte de familiares, mesmo sendo um direito legal e assegurado em acordo coletivo”, critica o dirigente.

A grande perversidade é que, para muitos, o Adicional de Trabalho Noturno (ATN) sig-

nifica uma diferença salarial considerável e, com as novas regras, muitos deles são obrigados a abrir mão de seus direitos para não serem prejudicados no rodízio. Para os que devem permanecer 6 meses no diurno a situação é ainda mais problemática, já que é raro não precisar de afastamento ou abono nesse período. “Se estiverem no quarto ou quinto mês de rodízio e saírem de licença, os bancários terão que começar desde o primeiro dia novamente”, constata.

Para o Sindicato dos Bancários de Curitiba e região, é urgente que tal regra, que vincula o rodízio aos direitos dos trabalhadores, seja abolida. Assim como é necessário que o BB acabe com esse excesso de rodízios, voltando a adotar as regras estabelecidas anteriormente.

**Estamos de olho**

Novo gestor no Hugo Lange

No mês de fevereiro, o ex-gestor do BB em Palmeira, Antonio Polache, assumiu a gerência da agência Hugo Lange, em Curitiba. Conhecido por sua postura truculenta, que pressiona e persegue bancários, ele também é adepto dos descomissionamentos arbitrários e da disseminação da “política do medo”.

Segundo informações que chegaram ao Sindicato, logo no primeiro contato com os trabalhadores, Polache teria avisado que não é um ‘perdedor’ e sim um ‘vencedor’. Também há boatos de que ele se diz ‘protegido’ do superintendente. “Não nos interessa os valores do gestor, só queremos lembrar que não aceitaremos desrespeito com nossos bancários. Se ele não sabe tratar as pessoas civilizadamente, um tratamento de reeducação o faria muito bem”, alerta Pablo Diaz, dirigente sindical e bancário no BB.

Horário para subordinados

No último churrasco promovido pela Equipe de Comunicação e Auto-desenvolvimento (Ecoa) da agência Alto da XV, os bancários foram comunicados, pelo gerente Taborda, que deveriam trabalhar na quarta-feira de Cinzas a partir das 8h30 (medida que desrespeitaria o normativo interno do BB). De acordo com os trabalhadores, utilizando-se da “política do medo”, Taborda teria lembrado do que acontece com aqueles que não cumprem as metas.

No entanto, para a surpresa dos bancários que compareceram na manhã daquele dia, o gestor não cumpriu o horário estabelecido por ele próprio. “Estivemos reunidos na Superintendência pedindo providências quanto ao descumprimento do LIC nesta ocasião”, informa Ana Smolka, dirigente sindical e trabalhadora no BB.

Lucro do BB supera bancos privados

O Banco do Brasil fechou 2009 com um lucro contábil 15,3% maior que no ano anterior, totalizando R\$ 10,148 bilhões. Segundo a consultoria Econômica, o resultado é o mais significativo da história bancária do país e supera inclusive os ganhos do Itaú Unibanco, que lucrou R\$ 10,06 bilhões em 2009. Contudo, ao que parece, quanto mais o banco lucra, maior é o desrespeito e a exploração que ele impõe aos seus trabalhadores. As denúncias de assédio moral, adoecimentos e até mesmo de descomissionamentos no BB não param de chegar ao Sindicato.

PLR: para lamentar e refletir

Diante do lucro anual recorde de mais de R\$ 10 bilhões, as expectativas com relação a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) do Banco do Brasil são cada vez maiores. No entanto, os bancários não podem esquecer que a PLR tem, cada vez mais, custado a saúde e o bem estar dos trabalhadores do banco. Utilizado como instrumento de pressão e coerção, o benefício é a ‘moeda de barganha’ encontrada pelo BB: os bancários devem se submeter à sobrecarga de trabalho, ao assédio moral, entre tantas outras medidas impostas para que as metas sejam cumpridas.

Cadê o plano odontológico?

Os trabalhadores no BB estão indignados com descumprimento dos acordos por parte da direção do banco. Já faz um mês que o plano odontológico deveria ter sido implantado. Isso significa que enquanto o movimento sindical aposta na negociação, o BB prefere a enrolação e o clima de descontentamento no ambiente de trabalho. A Contraf-CUT já encaminhou nacionalmente denúncia ao Ministério Público do Trabalho sobre o descumprimento do Acordo Coletivo estabelecido.

Orgão de divulgação do Sindicato dos Bancários e Financeiros de Curitiba e Região

Av. Vicente Machado, 18 - 8º andar · Fone: (41) 3015-0523 Fax: (41) 3322-9867 · Presidente: Otávio Dias · Sec. de Imprensa: Sônia Boz · Jornalista: Patrícia Meyer (5291/PR) · Redação: Renata Ortega e Patrícia Meyer Diagramação e Arte final: Fabio Souza Impressão: Multgraphic Tiragem: 3.500 exemplares sindicato@bancariosdecuitiba.org.br www.bancariosdecuitiba.org.br